



## A PRESENÇA NA AUSÊNCIA DO GUERRILHEIRO CILON CUNHA BRUM, CODINOME SIMÃO

Hugo Studart<sup>1</sup>

### RESUMO

Este artigo tem por objetivo relatar a participação de Cilon Cunha Brum, codinome Simão, na Guerrilha do Araguaia. Trata-se de um dos quatro guerrilheiros nascidos no Rio Grande do Sul que participaram do episódio. Foi um dos principais recrutadores do Partido Comunista do Brasil, PC do B, que buscava jovens estudantes universitários para participar da guerrilha rural. Paradoxalmente, é um dos guerrilheiros menos conhecidos. Este artigo aborda sua juventude em Porto Alegre e em São Paulo; como costumava recrutar militantes; sua participação na Guerrilha e, ainda, detalha sua prisão e execução. Por fim, busca apresentar o conceito da Presença na Ausência, formulado pelo filósofo Paul Ricœur, por meio da história de Cilon.

**Palavras-chave:** Cilon Cunha Brum. Guerrilheiro Simão. Guerrilha do Araguaia. Presença na Ausência. Paul Ricœur.

### ABSTRACT

This article aims to report the participation of Cilon Cunha Brum, codenamed Simão, in the Guerrilha of Araguaia. It is one of the four guerrillas born in Rio Grande do Sul who participate in the episode. He was one of the main recruiters of the Communist Party of Brazil, that looked for young college students to participate in the rural guerrilla. Paradoxically, he is one of the least known guerrillas. This article addresses his youth in Porto Alegre in São Paulo; as he used to recruit militants; his participation in the Guerrilla and, also, details his arrest and execution. Finally, it seeks to present the concept of Presence in Absence, formulated by the philosopher Paul Ricœur, through the history of Cilon.

**Keywords:** Cilon Cunha Brum. Simão. Guerrilla of Araguaia. Presence in Absence. Paul Ricœur.

---

<sup>1</sup> Jornalista, historiador e professor. Graduado em Jornalismo (1983) pela Universidade de Brasília-UnB; mestre (2005) e doutor em História (2014), também pela UnB. Linha de pesquisa em Jornalismo, Direitos Humanos e nos Estudos da Cultura (Memória e Representações). Como jornalista, trabalhou como repórter nos jornais O Estado de S. Paulo e Folha de S. Paulo; como editor e colunista nas revistas Veja, Manchete e Dinheiro; como diretor e colunista da IstoÉ. Como professor, atua como pesquisador-associado do Centros de Estudos Aplicados Multidisciplinares da Universidade de Brasília e como professor da Pós-Graduação em Ciência Política da Faculdade Upis. Lecionou no Instituto de Ensino Superior de Brasília-lesb, na Fundação Casper Líbero, São Paulo, e na Universidade Católica de Brasília. Representou a UnB, como Ouvidor, no Grupo de Trabalho da Presidência da República que buscou os corpos dos desaparecidos do Araguaia. Atuou como pesquisador da Comissão Nacional da Verdade e da Rede de Pesquisas da Comissão Camponesa da Verdade. E-mail: studart@conteudo.com.br



## INTRODUÇÃO

A Guerrilha do Araguaia guarda um grande paradoxo. É um dos episódios mais comentados da nossa História. Ao mesmo tempo, um dos mais obscuros. Mais de meio século depois do início do movimento, a história dos guerrilheiros permanece no império do oculto, naquele território que Tácito conceituou como *arcana imperii* ao se referir aos segredos de Estado – ou, em nosso caso, aos mistérios da História<sup>2</sup>. Uma confluência de fatores contribuiu para esse paradoxo.

Terminados os conflitos, em fins de 1974, tanto os comandantes militares quanto os dirigentes comunistas decidiram manter segredo sobre o episódio. Assim, nem o Exército revelou como venceu os guerrilheiros, nem o partido contou como eles foram derrotados. As primeiras informações consistentes vieram à tona a partir de 1980, depois da Anistia e no início da abertura política. Primeiro, por meio de revelações de um dissidente do partido<sup>3</sup>; na sequência, pela publicação de três livros-reportagens<sup>4</sup>.

A abertura dos arquivos do Araguaia, de um lado ou de outro, só teria início em 1996. Abriam primeiro os militares. Não a instituição, as Forças Armadas, ressalve-se, que até a presente data permanecem em obsequioso silêncio. Contudo, familiares de militares falecidos, ou mesmo ex-combatentes na reserva, começaram a entregar seus acervos pessoais para jornalistas ou historiadores<sup>5</sup>.

Em paralelo, a direção do PC do B também começou a abrir sua própria história. Uma abertura lenta, gradual e segura. O primeiro ato ocorreria em maio de 1996, quando João Amazonas, então dirigente máximo do partido, compareceu à Comissão dos Direitos Humanos da Câmara dos Deputados para prestar depoimento sobre o Araguaia. Ou seja, exatos 22 anos após o fim do episódio, o PC do B daria início à sua própria “abertura”. Desde então, o partido passou a incentivar publicações sobre o episódio, seja em

---

<sup>2</sup> Nos Anais 2.36, o historiador romano Tácito escreve sobre os segredos do governo como *arcana imperii*, ocultos do império, expressão está incorporada à Ciência Política nos estudos sobre os Estados autoritários.

<sup>3</sup> Wladimir Pomar, filho do ex-dirigente do PC do B Pedro Pomar, revelou em livro documentos inéditos que o partido produziu ao longo de 1976, enquanto fazia reuniões de avaliação crítica da experiência no Araguaia. Entre os documentos, encontra-se o chamado “Relatório Pomar”, no qual seu falecido pai tecia fortes críticas à direção do PC do B na condução da guerrilha.

<sup>4</sup> Palmério Dória. *A Guerrilha do Araguaia*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1981; Clóvis Moura. *Diário da Guerrilha do Araguaia*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1985; e Fernando Portela. *Guerra de Guerrilhas no Brasil*. 2ª ed., São Paulo: Global, 1987. As referências bibliográficas das referidas obras encontram-se citadas ao final.

<sup>5</sup> Registro que em 1996 apareceu o antológico “Baú do Bandeira”, acervo de documentos secretos da ditadura que o general Antônio Bandeira, um dos comandantes da repressão militar, guardava em sua casa. O acervo, escondido em um baú, foi encontrado pela filha do general, Márcia Bandeira. Desde então, militares de todas as patentes vêm tornando públicos seus próprios documentos e fotografias.



reportagens na imprensa, seja em livros de seus militantes ou ainda em pesquisas acadêmicas<sup>6</sup>.

Ao longo da década de 2000, o tema Guerrilha do Araguaia acabou por ganhar destaque editorial. Mais uma vez, a primazia coube aos militares, ex-combatentes na reserva, que em iniciativas pessoais e passando ao largo de seus comandantes, começaram a divulgar suas próprias versões da História<sup>7</sup>. O PC do B reagiu com as publicações de biografias de seus dirigentes por meio da editora oficial do partido, em onda que permanece até a presente data<sup>8</sup>.

No mesmo período, começaram a ser publicados livros-reportagens sobre o Araguaia<sup>9</sup>. Na Academia, por sua vez, o tema passou a ganhar destaque, quase sempre dentro da perspectiva teórica do estruturalismo, na qual não há muito espaço para as singularidades dos atores como sujeitos, históricos por essência, ou ainda em leituras biográficas e regionais sobre o episódio.

Paradoxalmente – e apesar de tanto barulho – os guerrilheiros ainda não foram desvelados. O PC do B, sim, vem contando sua história, com destaque especial às epopeias de seus comandantes. Os militares também – ainda que façam opção muito mais por silêncios, por hiatos e pelo oculto, do que por revelações de fato relevantes. Os trabalhos jornalísticos, por sua vez – reportagens ou livros – têm dado destaque quase absoluto às violações dos Direitos Humanos perpetradas pelos militares; ou às narrativas que tendem ao épico.

E quanto às histórias protagonizadas por aquele punhado de homens e mulheres que empenharam suas esperanças e vidas em algum lugar das selvas amazônicas? O que pensavam? O que sonhavam? Por qual razão deixaram suas vidas na cidade e foram para lá? Como viviam? Onde estavam suas dores?

Eram exatos 79 guerrilheiros quando tiveram início os conflitos armados, em abril de 1972. O maior grupo de militantes partiu do Rio de Janeiro, 20 no total, quase todos estudantes universitários dos núcleos de Medicina e de Farmácia. De São Paulo partiram

---

<sup>6</sup> Destaco, pelo fato de ter sido publicada em livro, a dissertação de mestrado do professor Romualdo Pessoa, da Universidade Federal de Goiás: Romualdo Pessoa Campos Filho. *Guerrilha do Araguaia – Esquerda em Armas*. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 1997.

<sup>7</sup> Destaco: Agnaldo Del Nero Augusto; Aluísio Madruga de Moura e Sousa; Lício Augusto Maciel: Sebastião Curió de Moura.

<sup>8</sup> Destaco as biografias de João Amazonas; Elza Monnerat, Maurício Grabois e Osvaldo Orlando Silva.

As respectivas as referências bibliográficas encontram-se citadas ao longo da narrativa

<sup>9</sup> Destaco: 1) Elio Gaspari. *A Ditadura Escancarada – As Ilusões Armadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002; 2) Tais Moraes e Eumano Silva. *Operação Araguaia – Arquivos Secretos da Guerrilha*. São Paulo: Geração Editorial, 2005; 3) Hugo Studart. *A Lei da Selva: Estratégias, Imaginário e Discurso dos Militares sobre a Guerrilha do Araguaia*. São Paulo: Geração, 2006. Este último, de minha autoria, será detalhado adiante.



18; da Bahia 10; de Minas Gerais, outros cinco. Do Ceará, partiram quatro; do Rio Grande do Sul, outros quatro; do Espírito Santo, outros três e, de Goiás, um militante.

O primeiro gaúcho a chegar à região do Araguaia, em 1967, ainda nos tempos dos preparativos para a luta armada, foi João Carlos Haas Sobrinho. Nascido em 1941, em São Leopoldo, trabalhou como médico em Porto Alegre e no Rio de Janeiro até ser convocado para o treinamento na Academia Militar de Pequim. Quando teve início a luta armada, foi promovido a membro da Comissão Militar. Adotou o codinome de Juca. Era um grande médico. Tornou-se, assim, um dos guerrilheiros mais conhecidos da região. A população camponesa só o tratava por Dr. Juca. Morreu em setembro de 1972, em combate com os militares.

Depois chegou Paulo Mendes Rodrigues, militante histórico do velho Partido Comunista Brasileiro, PCB, e um dos dissidentes que em 1962 fundaram o PC do B. Nascido em 1931, em Cruz Alta, era economista em Porto Alegre. Chegou à região de Caianos, ao sul da cidade de São Geraldo, Pará, e comprou terras com o objetivo declarado de formar uma fazenda de gado. Também fez treinamento na Academia Militar de Pequim. Tinha 38 anos quando lá chegou. Não adotou codinome, mas com seu jeitão introspectivo e vocabulário de doutor, passaria a ser conhecido na região por *Dr. Paulo*. Foi o primeiro comandante do Destacamento A da guerrilha; mais tarde, seria deslocado para o honroso posto da Comissão Militar. Morreu em combate, em dezembro de 1973.

Na sequência, chegou José Huberto Bronca (grafa-se Huberto sem o *m*), outro militante que fora unguido com o treinamento militar na China. Filho de italianos de Porto Alegre, Bronca era desportista, artista de circo e mecânico de aviões da Varig. Seria um dos mais velhos do grupo, 35 anos quando lá chegou. Tentou adotar o codinome de *Zeca*, mas por conta de seus cabelos cor-de-fogo e a pele tomada por sardas, passou a ser chamado tão somente de *Zé Fogoió*. Mais tarde teria destaque nos combates da selva. Morreu envenenado por um camponês aliado dos militares, em janeiro de 1974.

Por fim, o quarto gaúcho a participar dos combates, Cilon Cunha Brum. No Araguaia, adotou o codinome Simão. Trata-se de um dos guerrilheiros cuja história é das mais significativas, tanto nas cidades, quanto no campo. Paradoxalmente, é dos menos conhecidos, protagonista daquele fenômeno que Walter Benjamin conceitua como “esquecidos pelas fissuras da História” (BENJAMIN, 1994). Este artigo tem por objetivo trazer à luz a história de Cilon. Tanto sua vida nas cidades, quanto sua morte no campo.

## **A MILITÂNCIA NAS CIDADES**

Cilon nasceu em São Sepé, lugarejo perto de Santa Maria, centro-oeste do Rio Grande do Sul. Seu pai, Lino Brum, um pequeno pecuarista, criou os oito filhos valorizando



os estudos e a ética do trabalho. Cilon era o penúltimo, o caçula entre os homens. Pela inteligência e pelas leituras demonstradas desde pequeno, era a grande promessa da família. “Isso significava que ele iria estudar, ascender socialmente e, muito provavelmente, compartilhar os frutos de seu sucesso com a família de origem”.<sup>10</sup> Era muito ligado aos pais e irmãos. Adorava os sobrinhos.

Um dia, mudou-se para São Paulo. Ele já trabalhava em Porto Alegre, no setor financeiro da MPM Propaganda. Seu primo-irmão e padrinho, Petrônio Corrêa, era um dos sócios, o P de MPM. A agência transferiu-se para São Paulo e Cilon foi junto. Então, começou a estudar Economia na PUC. Em paralelo, Cilon tinha uma loja em sociedade com a irmã Eleni; e sociedade numa casa lotérica com uma colega de trabalho. Foi nessa época que conheceu o PC do B.

Cilon logo se transformariam em uma das boas apostas do PC do B em São Paulo. Em muito pouco tempo, passaria a liderar uma célula do partido na PUC. Logo depois seria promovido a liderar a célula dos universitários da USP, da Unicamp e aqueles que se agregavam no *Sedes Sapientiae*, grupo católico que dava cobertura para os movimentos de esquerda<sup>11</sup>.

Fundado pela educadora e psicóloga Madre Cristina, nascida Célia Sodré Dória (1916-1997), o *Sedes Sapientiae* tinha o objetivo de “criar um espaço de encontro entre pensamento, atuação e trabalho junto à sociedade, comprometido com a defesa dos direitos humanos e da liberdade de expressão”<sup>12</sup>. Naqueles tempos, aquele era um espaço católico de debate de ideias e de resistência à ditadura.

Somente a quem já havia alcançado certo grau de relevância na estrutura do partido era permitida a missão de recrutar novos militantes. Cilon já estava em um patamar acima; além do recrutamento, recebera a missão de preparar os estudantes em teoria marxista e nos cânones do maoísmo internacional. Ele sempre orientava seus candidatos à militância a ler um determinado documento antes de aceitá-los. O título: “Guerra Popular: caminho da luta armada no Brasil”<sup>13</sup>.

Nele, era detalhado o modelo chinês de guerra popular, com o campo cercado as cidades. E aquele texto era tratado por Cilon como se fosse um dos livros das Sagradas

---

<sup>10</sup> Depoimento oral de Liniane Haag Brum, sobrinha de Cilon e autora de sua biografia, em 26 Jan 2013.

<sup>11</sup> Sua sobrinha, Liniane, publicou em 2012 um livro entre o biográfico e o autobiográfico, no qual tanto relata histórias sobre Cilon, quanto as buscas que ela e outros familiares vêm promovendo para descortinar um pouco mais da história do ente desaparecido.

<sup>12</sup> In: apresentação no site do Instituto *Sedes Sapientiae*. Em 1975, foi formalizado como instituto, que hoje oferece cursos de formação e especialização na área da Psicologia. In: <http://sedes.org.br/site/>, acesso em 17 Fev 2013.

<sup>13</sup> Brum. *Antes do Passado*. Op. cit., pág. 116.



Escrituras<sup>14</sup> – fazendo de Cilon exemplo concreto de membro de uma “seita esotérica”, segundo a definição de Arendt para as organizações de vanguarda, tomado pelo fenômeno que Benjamin e Bloch definem por messianismo político.

Um dos recrutados por Cilon é Odilon Guedes, seu colega no curso de Economia da PUC. Outro, Giuseppe Mauro<sup>15</sup>, que guarda nas lembranças um Cilon muito decidido, que gostava de repetir a frase “Lutar pelo povo brasileiro, se preciso dar a vida pela causa”.

Saulo Garlippe, igualmente discípulo de Cilon, lembra-se que além das cartilhas do partido, foi apresentado a *Princípios Elementares da Filosofia*, obra que o filósofo e comunista húngaro Georges Politzer (1995) escreveu para seus alunos da Universidade Operária de Paris.<sup>16</sup> Ele é irmão da guerrilheira Maria Augusta Garlippe, *Tuca* no Araguaia. Durante um semestre inteiro, Saulo foi preparado por Cilon antes de ser aceito no partido.

Os dois marcavam pontos no Parque Trianon, meio da Avenida Paulista<sup>17</sup>. E lá, sempre caminhando, “falando de lado e olhando pro chão”, como na música de Chico Buarque, Cilon ia explicando o que era o partido, iniciando-o na teoria marxista. Também houve reuniões no *Sedes Sapientiae*. Às vezes, fazia a reunião no teatro da PUC. Alguém cuidava da porta. E Cilon sempre engajado no recrutamento, sempre diligente em cobrar a leitura das escrituras. Chegou o dia da aceitação de Saulo Garlippe no partido. Ele próprio relata:

Cilon era um cara alto, magro, uma vareta. (...) Um metro e noventa, devia ter. Um jeitão simples. Que saudade. Foi ele quem me disse, me deu a notícia. Lembro como se fosse hoje: ‘*A partir de agora, você é membro do Partido Comunista do Brasil*’<sup>18</sup>.

Em maio de 1970, Cilon foi convocado à revolução. Começaram as despedidas. Primeiro deixou todos os seus documentos com Elza Corrêa, esposa do padrinho Petrônio. Disse que voltaria. Mas antes de desaparecer na clandestinidade, precisava ir a Porto Alegre batizar a sobrinha Liniane, que estava prestes a nascer. Seria o padrinho. Enviou uma carta ao irmão Lino Brum Filho: “Só espero o parto daí, que eu parto daqui”— escreveu.<sup>19</sup>

Cumpriu a promessa. No jantar do batizado, conversou longamente com o pai Lino Brum, a portas fechadas. Depois foi a vez de conversar com o irmão Lino Filho. O irmão tentava dissuadi-lo da ideia de integrar-se à resistência. Ninguém no Rio Grande sabia de seu envolvimento com o PC do B, muito menos da existência de um grupo que se armava

---

<sup>14</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>15</sup> Militou junto com Cilon no Movimento Estudantil, mas era de outra organização, a Ação Popular.

<sup>16</sup> Brum. *Idem*, Op. Cit., pág. 118.

<sup>17</sup> O nome correto é Parque Tenente Siqueira Campos, contudo, os paulistanos referem-se ao local como Parque do Trianon.

<sup>18</sup> Brum. *Id.*, pág. 118.

<sup>19</sup> A carta inteira encontra-se em Liniane Haag Brun. *Antes do Passado*, op.cit., pág. 40.



no Araguaia. Sabiam apenas que Cilon entrara para a “resistência” – algo que soava épico, como *la resistance* aos nazistas em França ocupada. Depois de ouvir o irmão, Cilon disse:

“Eu vou embora porque precisamos derrubar esse governo que está aí. Vou pela liberdade, pelo povo brasileiro; e, se morrer, morro feliz”<sup>20</sup>.

Prometeu que escreveria. Em julho, Cilon escreveu um bilhete ao irmão dizendo que iria voltar e uma carta ao pai. Lino Brum preferiu não revelar o conteúdo a pessoa alguma. Os anos se passaram sem qualquer notícia de Cilon. Ele fora executado nas selvas amazônicas. Com a palavra, sua sobrinha e biógrafa, Liniane Haag Brum:

Cilon foi um jovem que teve o coração arrebatado pelo fervor de sua época. Digo sim o coração, como representação de algo maior, talvez o espírito. Cilon não foi movido apenas pelo racional, pela mente. Fez uma escolha onde nela estava imbricado o espírito de seu tempo – o que, aliás, só é possível de enxergar porque estamos fora desse tempo e desse contexto. Imagino que seria impossível ele ter essa visão de si mesmo. [...] pensem o que era o Brasil daquele tempo! Cilon era um líder, não tenho dúvidas por tudo que ouvi a seu respeito, e um líder que, como resposta a esse espírito de um tempo, incorporou-se a um partido chamado PC do B. Jogou toda a sua energia na militância e abriu mão de uma carreira promissora como publicitário em nome do que achava que seria lutar pelo bem comum dos brasileiros. Cilon tinha a verve de um missionário. Não no sentido que o Exército empregava o substantivo missão. Mas num sentido verdadeiramente ligado ao humano<sup>21</sup>.

## COTIDIANO NO CAMPO

Ao chegar no Araguaia, Cilon, agora sob a nova identidade de Simão, seria encaminhado para o Destacamento B da guerrilha, sob o comando de Osvaldo Orlando Costa, Osvaldão, como era conhecido na região – trata-se do mais popular dentre os guerrilheiros. O Destacamento B ficava no centro da região escolhida para a futura guerrilha, ao pé da Serra dos Martírios – mais tarde rebatizada Andorinhas – e tendo as cidades de Palestina e de Brejo Grande como referência.

Seu primeiro vice comandante foi o gaúcho José Huberto Bronca, Zeca para os guerrilheiros, Zé Fogoio para a população local. Ambos, Osvaldão e Fogoio, haviam cursado a Academia Militar de Pequim. Como era militante relevante nas cidades, Simão passaria a ocupar o honroso cargo de Comissário Político do PC do B junto àquele pequeno grupo esquecido em algum lugar das selvas amazônicas.

\* \* \*

---

<sup>20</sup> Depoimento de Liniane Haag Brum, em 26 de janeiro de 2013.

<sup>21</sup> Idem.



Em sua obra sobre a *Microfísica do Poder*, Michel Foucault (1985, pág. 180), no capítulo “A Casa dos Loucos”, observa que “nem tudo é verdadeiro; mas, em todo lugar e a todo o momento existe uma verdade a ser dita e a ser vista, uma verdade talvez adormecida, mas que, no entanto, está somente à espera do nosso olhar para aparecer, à espera de nossa mão para ser desvelada”. Diz ainda que “não há possibilidade de exercício do poder sem uma certa economia dos discursos de verdade”<sup>22</sup>. Foucault chama a atenção sobre a desconfiança na convivência entre indivíduos.

“Já não se pode confiar em ninguém se o poder é organizado como uma máquina, funcionando de acordo com engrenagens complexas, em que o lugar de cada um que é determinante, e não sua natureza. No *panopticon*, cada um, de acordo com seu lugar, é vigiado por todos ou por alguns outros; trata-se de um aparelho de desconfiança total e circulante, pois não existe ponto absoluto. A perfeição da vigilância é a soma das malevolências”<sup>23</sup>.

Assim, a adaptação na selva passava por conflitos internos, claro, como qualquer convivência extensa, as diferenças apareciam à medida que os dias se passavam, com identificações entre os guerrilheiros e divergências igualmente surgindo. Uma das principais fontes de conflito eram as práticas stalinistas dos comandantes em dissonância com o imaginário libertário de muitos dos militantes que chegavam à selva. Simão foi um dos primeiros a entrar em conflito com seu grupo.

\* \* \*

E os conflitos internos começaram já no primeiro embate, em maio de 1972, quando os guerrilheiros mataram o cabo do Exército Odílio Cruz Rosa. Um grupo do Destacamento B estava de tocaia, sob o comando direto de Osvaldão, observando um pelotão de soldados a prospectar a mata. Foi quando Simão, precipitadamente, disparou um tiro em direção aos soldados. Errou. Coube a Osvaldo atirar no militar que vinha à testa, o cabo Rosa, antes que os demais reagissem<sup>24</sup>.

Simão levaria uma grande reprimenda de Osvaldão. Afinal, ele tinha por obrigação obedecer ao sinal de seu comandante. Ainda não era momento de atirar. Ele atirou antes da hora, colocando a vida dos camaradas em perigo. Como castigo, foi destituído sumariamente do cargo de comissário político de seu destacamento.

João Goiano (Vandick Coqueiro) tomou seu lugar. Simão não gostou. Já vinha brigando com os camaradas por conta de suas próprias interpretações fundamentalistas do evangelho partidário. Queria que seguissem sua ortodoxia. Considerava-se, politicamente, o mais preparado do destacamento. Era, de fato, um profundo conhecedor dos textos

---

<sup>22</sup> *Idem, ibidem.*

<sup>23</sup> *Idem, págs. 220 e 221.*

<sup>24</sup> O episódio que resultou na morte do cabo Odílio Cruz Rosa, ocorrido a 5 de maio de 1972, será narrado adiante, no Capítulo 12 – *Borboletas em vôo*, item “As primeiras mortes”.



canônicos do maoísmo. Muito mais do que o tímido João Goiano. Provavelmente também era o guerrilheiro com maior número de leituras marxistas. Por isso considerou sua destituição injusta, arbitrária. Ficou incomodado, com o orgulho ferido. Mais que isso, inconformado.

Simão fora rebaixado à base. De intelectual e formulador político, virara um simples tarefairo. Doravante, teria que lavar roupa alheia, segurar no cabo da enxada, cuidar das galinhas, rachar lenha, passar madrugadas de vigia – apenas isso, nada mais do que tarefas domésticas. O fato é que, a partir desse momento, Simão iniciaria um processo irreversível de revolta contra o próprio grupo, emoção esta que, obviamente, refletiria nas pequenas atitudes do cotidiano. Mau humor, queixas, chicanas, olhares enviesados, auto isolamento. Questionava as interpretações políticas e cobrava perfeição de João Goiano. Era sua maneira de expressar resistência ao que considerava injusto.

O “centralismo democrático” preconizado por Lenin jamais aceitou as vontades individuais de seus revolucionários. O stalinismo, por sua vez, tão defendido pelo PC do B, costumava ser implacável com as emoções dos sujeitos. Mais do que desvio pequeno-burguês, qualquer manifestação que emergisse do ego, como vaidades e orgulhos, era considerada tremendamente antirrevolucionárias.

Assim, o grupo guerrilheiro iniciou um processo de estigmatização contra Simão. Os guerrilheiros começaram a implicar com o camarada. Primeiro, piadinhas, gracinhas. Àquela altura, já era difícil saber quem nasceu primeiro, se o ovo ou a galinha. Mas a cada ação, uma reação. Logo, a mera implicância descambou para adjetivos como “nervosinho”, “orgulhoso”, “vaidoso”, “individualista”, “pequeno-burguês”, “incompetente”, “preguiçoso”, “indisciplinado”. Até que Simão passou a ser estigmatizado como um peso morto, até mesmo um covarde, um antirrevolucionário. Daí a “traidor”, seria um passo.

O guerrilheiro Raul (Antônio Theodoro Castro), que desde muito jovem gostava de colocar apelidos engraçados nos familiares e amigos – apelidos estes muitas vezes deletérios – era um dos que mais desconstruíam Simão<sup>25</sup>. Certa vez, em reunião, Simão tentou argumentar algo invocando o nome do partido. No que Raul o interrompeu: “Hoje nós vamos jantar o partido”, disse ele, provocando gargalhadas gerais.

Velho Mário (Maurício Grabois), comandante-em-chefe das Forças Guerrilheiras do Araguaia, divertia-se muito com as piadinhas. E como jamais aceitou contestações e rebeldias – deixando isso expresso em vários trechos de seu diário – humilhava Simão com suas próprias ordens e observações sobre preguiça e indisciplina. Incomodava-o, também,

---

<sup>25</sup> Sobre essa característica da personalidade de Raul, reproduzo trecho do Capítulo 5, “A procura de uma alma coletiva”: “Bem humorado, gostava de passar trotes de assombração ou de inventar apelidos. Arrumou um para cada irmã. Sandra, por conta de seus olhos verdes, virou *Olho de Boto*. Laura, magra e morena, era o *Pincel Atômico*. Mercedes, que usava franjas como de índia, era *Djacu*”.



as rebeldias e manifestações de vontades pequeno-burguesas de dois outros guerrilheiros: Paulo (João Carlos Wisnesky), no Destacamento A, e Josias (Tobias Pereira Junior), no Destacamento C. Para Velho Mário, seriam “pesos-mortos”.

Esclareço que o Velho Mário registra esse adjetivo especificamente contra Paulo, que sempre contestava as ordens de seu comandante, Zé Carlos (André Grabois), filho de Velho Mário. Em anotação de 11 de outubro de 1973, também o chama de “pusilânime”, “verdadeiro crápula”, “covarde”, “um verdadeiro perigo para o DA”, “traidor”. E ainda promete justicá-lo mais tarde. Velho Mário não registra adjetivos deletérios contra Simão. Contudo, deixa explícita sua profunda aversão a toda e qualquer forma de contestação e rebeldia, exigindo uma obediência total ao conceito do centralismo democrático.

Cada vez mais afastado das decisões do próprio grupo, Simão restou deprimido, sorumbático. Logo ele, uma das grandes promessas do partido em São Paulo, que recebera a relevante missão de recrutar estudantes para o PC do B. Também não poderia desistir e ir embora, sob pena de execução por deserção. Em determinado momento, Osvaldão ainda cogitou arranjar uma solução honrosa. Simão deixaria o grupo, mas seria “promovido” a assistente de Pedro Gil (Gilberto Olímpio Maria) na Comissão Militar. Genro de Velho Mário na vida profana, Pedro Gil já era o guarda da comissão. A função que Osvaldão propôs criar era a de reforço, espécie de assistente do guarda. Contudo, Pedro Gil também rejeitou Simão. Pior, escolheu o rival Raul para o lugar. Osvaldo ainda lutaria para manter Raul sob suas asas. Pedro Gil venceu e o levou. Simão permaneceu na base, cuidando das tarefas domésticas.

Quando o guerrilheiro Ari (Arildo Valadão) foi abatido e decapitado, em novembro de 1973, Raul estava junto – mas conseguiu escapar correndo pela mata. Foi Simão quem tentou levá-lo a julgamento pelo Tribunal Revolucionário, acusando-o de ter fugido do combate e abandonado um camarada ferido. A pena: justicamento, a morte. Sua proposta não foi aceita.

## **A VIDA COMO VALOR SUPREMO**

Abro um interstício para tomar como referência à obra *A condição humana*, de Hannah Arendt (2007, págs 326 a 333.), na qual ela lembra que uma das consequências do advento do cristianismo foi a ascensão de “Vida como Bem Supremo”<sup>26</sup>, em substituição ao “Mundo” como valor fundamental da antiguidade greco-romana. Nessas sociedades

---

<sup>26</sup> O capítulo 44 da obra leva o título de “A Vida como Bem Supremo”..



clássicas, o principal valor eram os atos heroicos e históricos, tal qual o mito de Aquiles, que almejava a imortalidade por meio de suas ações no mundo.

De acordo com esse clássico sistema de valores, não havia muito espaço para o indivíduo, o Ser<sup>27</sup>. A tal ponto que Platão nutria claro desprezo pelos escravos, menosprezados porque serviam apenas às necessidades da vida e se submetiam ao domínio do amo por desejarem permanecer vivos a qualquer preço”. A vida individual era considerada um bem menor, a tal ponto que o suicídio – como o de Sócrates e o de Sêneca<sup>28</sup> -- era considerado um gesto nobre de quem deseja abandonar a vida atribulada. Tomás de Aquino fundamentou a premissa de que o dever maior do homem é manter-se vivo. Assim, o suicídio passou a ser visto como um crime pior do que o homicídio – herança do judaísmo – a tal ponto que o enterro cristão é permitido ao assassino, mas não ao suicida. “A era moderna continuou a operar sob a premissa de que a Vida, e não o mundo, é o Bem Supremo do homem”, conclui Arendt (2007, pág.332.) “Pois o que importa hoje não é a imortalidade da vida, mas o fato de que a Vida é o Bem Supremo”.

Observo, ainda, que no livro-poema *A Balada do Cárcere*, de Bruno Tolentino (2006), um dos mais belos da língua portuguesa, o autor lembra que:

Há situações extremas, como a do encarceramento ou a iminência da morte, em que a criatura se confronta com questões fundamentais. Então caem as máscaras e a introspecção torna-se inevitável. Essa solidão é produtora de poesia, ou de desespero<sup>29</sup>.

\* \* \*

---

<sup>27</sup> Arendt lembra que os maiores representantes da moderna filosofia da vida são Marx, Nietzsche e Bergson, “na medida em que os três equacionaram a Vida ao Ser”. Então cita Kierkegaard, considerado o precursor do existencialismo tão em voga na segunda metade do Século XX, lembrando que o mesmo teria dado início a uma espécie de “rebelião dos filósofos contra a Filosofia”, rebelião que “parece à primeira vista dar ênfase à ação e não à contemplação”. Arendt, *idem*, pág. 326.

<sup>28</sup> O pensador grego, como registra uma das mais conhecidas obras de Platão, *A Morte de Sócrates*, condenado pela Igreja, teve a opção de fugir, mas optou por cumprir a sentença tomando cicuta, com a maior serenidade e altivez. Cinco séculos depois o filósofo romano Marcus Sêneca repete o ato de Sócrates. Nero, de quem Sêneca fora preceptor, estava num surto de paranoia, mandando jogar aos leões todos os adversários e condenando ao suicídio os supostos descontentes. Acabou incluindo o mestre Sêneca em sua lista negra. Um dia um centurião chega à casa do filósofo com ordens do imperador para que se matasse. Ele tinha 69 anos e uma obra longa e acabada. Resignou-se de que chegara seu grande momento. Sêneca entra na banheira de água quente, corta as veias dos tornozelos e atrás dos joelhos. Estava demorando muito a sangria. Então ele teve a ideia de pedir cicuta e repetir o ato de dignidade protagonizado por Sócrates.

<sup>29</sup> Quando era professor de Literatura na universidade de Oxford, Inglaterra, Tolentino foi acusado de fornecimento de cocaína a professores e alunos. No julgamento, declarou-se consumidor e culpado de compartilhar a droga. Foi condenado e passou dois anos preso em uma penitenciária de Dartmoor, chamada popularmente de Ilha do Diabo, mesmo nome de uma ilha-prisão na Guiana Francesa. Foi quando então compôs o referido livro-poema.



Entre dezembro de 1973 e julho de 1974, de 25 a 30 guerrilheiros caíram prisioneiros dos militares. Alguns deles também tentariam buscar a Vida como Bem Supremo. Ou por falta de convicção na missão messiânica – uso o termo de acordo com a acepção de Walter Benjamin – ou pelo fato de guerrilheiros terem sido tomados pelo desespero.

Tomemos, a título de exemplo, o caso do guerrilheiro Josias (Tobias Pereira Júnior), estudante de Medicina na Universidade Federal Fluminense antes de aderir à luta armada. Eram meados de dezembro de 1973 quando Josias restou sozinho na floresta. Apartara-se de seu grupamento a fim de tentar escapar da guerrilha. Chegou à casa de José de Souza Gomes, o Zezão, capataz da fazenda outrora chamada Rainha do Araguaia, hoje Matrinxã. Estava armado com uma carabina e com um revólver. Zezão expõe suas lembranças<sup>30</sup>.

“Quem é o responsável aqui?” – teria dito Josias, apontando a arma para o camponês.

“Sou eu” – respondeu Zezão.

“Você vai me levar ou mandar levar lá na beira do Araguaia e me atravessar para o outro lado para eu ir embora”.

“Calma que tá terminando de fazer o almoço”.

“Tem dias que não como” – respondeu Josias.

A palavra “almoço” teria acalmado de imediato o guerrilheiro, de acordo com as reminiscências do capataz. Josias teria abaixado a arma, mas se mantido alerta. Minutos depois, o cozinheiro, apelido Cartucho, gritou lá de dentro que a comida ficara pronta. Rápido, Josias apanhou um prato, pegou uma concha e, enquanto a levava para dentro da panela, soltou a arma por um instante. O camponês Wagner o segurou. Não reagiu, já estava muito fraco. Zezão o amarrou e mandou avisar os militares na Base da Consolação. Uma hora depois, o capitão Curió chegaria de helicóptero<sup>31</sup>. Josias xingou muito os militares.

“Filhos da puta, vocês são covardes”.

O guerrilheiro entrou no helicóptero de cabeça baixa, de acordo com as lembranças de Zezão. Foi levado para a Base de Xambioá. Para ele, a partir daquele instante – como ficaria claro com a reconstrução dos eventos – findara o sonho de construir um país igualitário. Capitulara. Sua única esperança era sobreviver.

---

<sup>30</sup> Foram dois depoimentos orais a esta pesquisa, ambas em fev. 2011.

<sup>31</sup> Ressalte-se que, naquela ocasião, o capitão Sebastião Rodrigues de Moura usava o codinome de Dr. Luchini. Era, também, apenas mais um dentre os muitos oficiais do Exército servindo no Araguaia, aliás, o 25º na cadeia de comando, de acordo com as apurações desta pesquisa junto a militares. Depois de promovido a major, passou a fazer uso aberto de seu apelido pessoal, Curió. Seu mito na região só se consolidaria a partir da década de 1980, quando se tornou responsável pelo garimpo de Serra Pelada. Em dezembro de 1973, quando desceu de helicóptero na casa de Zezão para apanhar o guerrilheiro Josias, era o Dr. Luchini. Contudo, nas lembranças de Zezão, quem esteve lá foi o Major Curió.



E, como os escravos tão menosprezados por Platão porque se submetiam “ao domínio do amo por desejar permanecer vivo a qualquer preço”, como lembra Arendt, Josias contou o que os militares dele queriam saber. E levaram-nos onde eles gostariam de ir.

\* \* \*

O mesmo Zezão que prendeu Josias, também pegaria Simão. Era meado de fevereiro de 1974 quando o capataz foi avisado por um adolescente, Diquinho, filho do camponês Agenor de Miranda, que havia um “terrorista” armado em sua casa<sup>32</sup>. Zezão colocou o adolescente no carro e dirigiu-se ao local indicado. Segundo sua narrativa, entrou com arma na mão, apontando para Simão.

“Você vai entregar as armas ou não?”

Entregou a carabina e o revólver calibre 38. Estava “amarelo, arrasado, triste”, de acordo com a descrição do capataz. Era alto e magro. Usava uma calça de tergal azul marinho, muito folgada, amarrada na cintura por um cordão. Não ofereceu resistência. Sentou-se ao lado de Zezão no Jipe. Quando passaram em frente a um pasto cheio de gado, Simão chorou.

“Lembrei-me da minha terra”...

“Quase não o levei de pena”, relata Zezão. “Mas se não levasse, eu iria para o pau”.

Chegaram à Base de Bacaba por volta das 17h30. Simão “fediu muito”, segundo o capataz. Um soldado o levou para o banheiro; sairia de lá de banho tomado e com outra roupa. O médico da base, codinome Dr. Walter, examinou o guerrilheiro. Mandou lhe dar vitaminas, de acordo com as lembranças de Zezão. Simão ficaria de duas a três semanas preso na Bacaba.

Nesse período, conversaria sobre suas esperanças com alguns moradores da região, entre eles, o camponês Antônio Menezes. Falava em voltar a estudar, que sentia muitas saudades dos sobrinhos, queria voltar para casa. “Tenho fé que vou voltar a ver minha família”, disse, de acordo com Menezes. Aparentava uma imensa tristeza no olhar. Dizia que se sentia enganado pelo partido, que abandonara os guerrilheiros. Enfim, segundo essas reminiscências expostas em narrativas, Simão queria viver.

Quando Simão se entregou aos militares, no início de 1974, mostrava sinais de depressão profunda. Chegou à Base de Bacaba observando o vazio. Seus olhos pareciam os de um louco. Aos poucos foi acordando. Acabou por abrir suas mágoas aos que ouviam sua história.

---

<sup>32</sup> Na pesquisa, entrevistei Antônio de Miranda Neto, o Antônio do Agenor, irmão de Diquinho.



Em seu depoimento aos militares, queixou-se muito da atitude cruel e injusta dos camaradas. Falou de João Goiano e do comandante Mário. Mas principalmente contra Raul<sup>33</sup>. Teria sido por essa razão que o major Curió decidiu levá-los juntos para execução.

## A MORTE NA SELVA

Entre fevereiro e março de 1974, mais quatro guerrilheiros desapareceram. Ainda de acordo com Documento Secreto ACE 54730/86, da Agência Central do Serviço Nacional de Informações, SNI: Cristina (Jana Moroni Barroso); Joca (Líbero Giancarlo Castiglia); Zé Fogoio (José Huberto Bronca); e Raul (Antônio Theodoro Castro), pela ordem de apresentação no documento.

Raul, por exemplo, foi preso enquanto tentava escapar da região. Havia escapado de algumas encruzilhadas do Destino. Desta vez, Raul estava completamente só. Raul seria executado no terceiro dia depois de sua chegada à Casa Azul, provavelmente na Quarta-Feira de Cinzas, 27 de fevereiro de 1974<sup>34</sup>. Aproveitaram para “fazer” – era esse o eufemismo usado pelos militares ao se referirem ao ato de executar prisioneiros – também um guerrilheiro que estava há cerca de três semanas em poder dos militares, Simão. O capataz Zezão lembra-se em detalhes da chegada de Raul e de Simão à sede da Fazenda Rainha do Araguaia.

Desceram de helicóptero, com as mãos amarradas e ligados um ao outro por uma corda de paraquedas. Estavam ladeados por cinco militares, chefiados pelo capitão Curió, garante Zezão. Os dois vestidos iguais, calças azuis da aeronáutica e camisas bege de manga comprida. Raul estava muito magro, cabeludo, barbudo e sujo, em crise de malária. Simão, um pouco mais gordo, limpo e barbeado, “com aparência bem melhor”, relata o capataz. Era hora do almoço. Os militares pediram água. Zezão ofereceu um prato:

---

<sup>33</sup> A história sobre a estigmatização do guerrilheiro Simão foi inicialmente relatada pelo camponês Manoel Pereira Marinho, o Manoelinho, que entrou para o Destacamento B da guerrilha aos 16 anos, recrutado por Osvaldão. Depois, foi detalhada por dois militares distintos que interrogaram Simão e com ele conviveram ao longo de dois meses na Base de Bacaba. Reconstituída, assim, a partir das lembranças desses militares sobre o que o próprio Simão lhes teria relatado enquanto esteve preso. O primeiro militar revelou essa história à advogada Mercedes Castro, irmã do guerrilheiro Raul. O outro relatou a este pesquisador. As duas versões são semelhantes e complementam-se à de Manoelinho.

<sup>34</sup> O documento ACE 54730/86 cita a morte de Raul e de Simão como tendo ocorrido a 27 de fevereiro de 1974, por coincidência, Quarta-feira de Cinzas. O Relatório da Marinha entregue ao Ministério da Justiça em 1993, aponta que a morte de Simão teria acontecido na mesma data, 27 de fevereiro. Em depoimento à juíza Solange Salgado, da 1ª Vara da Justiça Federal em Brasília, o tenente-coronel Sebastião Rodrigues de Moura, o Curió, informa que Raul e Simão teriam morrido em janeiro de 1974. Mas essa informação é fundamentada em suas lembranças. Por esse conjunto de indícios, optei por narrar o episódio da execução de Raul e Simão como tendo ocorrido em 27 de fevereiro de 1974, e não em meados de abril, conforme as narrativas do casal Manoelzinho e Margarida à advogada Mercedes Castro.



“O dotô come da nossa comida?” – indagou, olhando nos olhos de Raul. “Fiquei pensando no conselho da minha mãe: sempre dar comida para quem tem fome” – explica o capataz, no tempo presente.

Raul respondeu que não, “não vou comer”. Curió encerrou a conversa dizendo que comeriam na volta do reconhecimento que fariam no mato. Mas os militares almoçaram. Logo depois saíram a pé, mata adentro, em direção a uma estrada que estava sendo aberta, a OP-3. O camponês Isaías os acompanhou<sup>35</sup>. Andaram cerca de 1h30 pela fazenda. Sentaram para descansar em uma área que ficava perto da gleba de Raimundo Cacaúba – aquele mateiro que estava no grupo que serrou o pescoço de Ari enquanto ele ainda estava vivo<sup>36</sup>. Sentado naquela mata, Curió resolveu provocar Raul:

“Nem adiantou ser valentão, pois vai morrer como cachorro” – teria dito o militar, sacando uma expressão chula utilizada para apontar os traidores que se prestavam ao papel de guia do Exército, “cachorros”. O capitão então se levantou e deu tiro na cabeça do guerrilheiro. O sangue espirrou na mochila de um dos militares. Depois teria perguntado ao outro:

“Simão, você gosta da floresta?”

“Gosto”.

“Então fica aí”.

Simão teria dado um grito de terror no momento em que constatou que seria executado. Os tiros foram escutados na sede da fazenda. Era por volta de 14h30. Foram ambos, Raul e Simão, deixados insepultos na mata, ao largo da antiga trilha de tropa de burros que ligava a sede da fazenda Rainha do Araguaia à estrada OP-3<sup>37</sup>.

Dias depois, Cacaúba avistou os corpos enquanto caçava veados em companhia do camponês Antônio Fogoió. O cheiro era forte, havia muitas moscas, as pacas os devoravam, segundo sua narrativa à pesquisa. Outros camponeses também avistariam os corpos. Zezão mandou enterrá-los por causa do mau cheiro. A trilha era importante para a fazenda, explica em narrativa oral. Precisava estar limpa.

---

<sup>35</sup> Fugira de Minas Gerais após matar a família. Encontrara abrigo na fazenda como juqueiro, segundo seu relato oral.

<sup>36</sup> Naquela ocasião, Cacaúba começava a ocupar a área, mas só ganharia a escritura da gleba em dezembro de 1974, meses depois do episódio.

<sup>37</sup> A execução de Raul e Simão, incluindo o diálogo com Curió, foi inicialmente revelada pelo jornalista Policarpo Júnior, um dos redatores-chefes da revista *Veja*: edição 2119, de 01 Jul 2009, pág 84 e 85. Para esta pesquisa, consegui localizar um militar que estava naquela equipe. Ele exigiu que sua identidade fosse preservada, o que será respeitado. Observo, desde já, que a história por ele narrada é extremamente parecida àquela narrada pelo mateiro Isaías a Zezão, como também ao relatado em reportagem da revista *Veja*. Quanto à biografia autorizada de Curió, *Mata*, op. cit., optou por omitir as execuções de Raul e Simão, apesar de testemunhas como Zezão e Antônio do Agenor terem sido entrevistadas e citadas em outras passagens.



## A PRESENÇA NA AUSÊNCIA

Veio a Anistia em 1979 e ninguém do partido procurou a família Brum para informar que ele fora ao Araguaia, que lá Cilon virara *Simão*, que estava desaparecido como tantos outros. Também ninguém procurou a família Castro para falar algo sobre o destino de Antônio Theodoro. Nem os militares, para contar que jazia insepulto ao lado de Cilon. Nem alguém do PC do B, para revelar, pelo menos, que havia desaparecido no Araguaia. A mãe de Theodoro, Benedita Castro, dona Dita, queixava-se muito do abandono do partido.

“Eles deveriam ser solidários à minha dor, poderiam ao menos enviar um bilhete de solidariedade num pedaço de papel de embrulhar pão”<sup>38</sup>.

Dona Dita faleceu em 2003, sem jamais ter parado de perguntar sobre o filho desaparecido. Indagava a qualquer um que porventura fosse visitá-la. Três dias antes de morrer em decorrência de um câncer, dona Dita foi visitada por sua filha Eliana. Ao entrar no quarto, a primeira pergunta da mãe, antes mesmo de cumprimentar a filha:

“Alguma notícia do teu irmão?”

“Ainda não, mas vou ter”.

No caso da família Brum, os adultos contavam uma fábula às crianças. Sempre por meio de rumores e sussurros, jamais abertamente, diziam que tio Cilon estava paraplégico em Paris, sem poder retornar ao Brasil<sup>39</sup>. A última vez que a família de Tuca (Luíza Augusto Garlippe) foi vista pelos familiares foi no início de 1970. “Fomos perdendo contato, não sabíamos onde ela estava”, relata seu irmão Armando Garlippe Junior. “Pensávamos que ela pudesse estar presa. Às vezes, chegavam informações desencontradas sobre o seu paradeiro. Alguns diziam que ela estava no exterior, outros falaram que ela se encontrava no Nordeste. Só muito tempo depois fomos saber sobre o Araguaia”.

Ao longo da década de 1980, as informações foram chegando às famílias, aos poucos, por meio de reportagens jornalísticas ou de livros, salpicados aqui e acolá. Em 1980, o PC do B patrocinou a 1ª Expedição de Familiares dos Desaparecidos da Guerrilha do Araguaia. Também publicou uma brochura sobre a guerrilha em 1982. Contudo, o partido não divulgou a relação completa dos militantes que foram para a área. A primeira vez que o nome dos desaparecidos do Araguaia surgiu de forma clara foi em 1985, quando da publicação em livro do projeto *Brasil: Nunca Mais*<sup>40</sup>. Só então a maior parte dos familiares

---

<sup>38</sup> Depoimento oral de Maria Eliana Castro, em 5 de setembro de 2013.

<sup>39</sup> Mais tarde, os adultos da família passaram a avaliar que a história de Cilon paraplégico em Paris teria sido uma contrainformação plantada pelo regime militar no intuito de confundir sua procura junto aos órgãos de segurança brasileiros.

<sup>40</sup> Coordenado por dom Paulo Evaristo Arns, cardeal-arcebispo de São Paulo, e com o apoio do pastor Jaime Wright, da Igreja Presbiteriana, e do rabino Henry Sobel, da Confederação Israelita



ficou sabendo que seus entes haviam desaparecido no Araguaia.

Já a família do guerrilheiro Antônio Guilherme Ribeiro Ribas, o *Zé Ferreira*, estudante secundarista em São Paulo quando foi à revolução, só houve a certeza de que ele estava morto em 1996, quando a Marinha entregou um relatório ao Ministério da Justiça com tal informação<sup>41</sup>. Foi desta forma, dentro daquelas famílias, que a ausência dos entes queridos acabara se tornando uma constante presença.

\* \* \*

O filósofo Paul Ricœur (1913-2005), que enfrentou ao longo de toda a juventude a dor da ausência do pai, estudou esse fenômeno. Ele nasceu em 1913. Um ano depois seu pai seguiria para uma daquelas fétidas trincheiras da Primeira Guerra Mundial. Aguardou-o com ansiedade até o final dos conflitos. Muitos pais retornariam com vida. Ou em caixões. Mas Ricœur-pai permaneceria ausente. Desaparecera exatamente no Dia da Vitória. Assim, o sentimento de ausência tornou-se a maior presença em sua vida. Os restos mortais só seriam encontrados em 1932. Ricœur forjou todo o seu pensamento em uma constante contra a violência.

“Meu pai morreu por nada” – escreveria mais tarde.

Está em Platão o primeiro registro dessa questão. Ricœur foi buscar em um dos diálogos de Sócrates, *O Teeteto*, inspiração para tratar da imagem-recordação (*eikôn*) a fim de sublinhar um grande paradoxo. Qual seja, o de que o *eikôn* é a presença na ausência, é a presença na alma do homem de uma coisa ausente. A esta característica da memória, Aristóteles contribuiu com outra: existe na memória uma linha de fronteira entre a imaginação e o *phantasma*.

O conceito da *presença na ausência* é distinto do *sentir falta*. O português guarda o termo *saudade* para expressar essa sensação de faltar. A *saudade*, o sentir falta, relaciona-se à nostalgia, que tanto pode provocar alegria, quanto melancolia. Na *saudade*, pode haver a sensação de que algo está errado. No caso, um pai falecido em decorrência de doença, ou de um filho levado prematuramente em acidente, pode até mesmo haver o inconformismo com os desígnios do Destino.

No caso dos desaparecidos políticos, resta nos familiares a sensação do ilicitamente subtraído. É como se fosse um roubo. O vazio se apropria das famílias, as questões emocionais ficam eternizadas e, sem respostas, a dor passa a ser rotina.

A *presença na ausência*, por sua vez, está relacionada à memória como recordação. A ausência é “presentificada” pela lembrança. Só se pode sentir a *presença de ausência* de

---

Paulista, o projeto sistematizou as informações sobre os presos políticos contidas em 707 processos que estavam no Superior Tribunal Militar. Mitra Arquidiocesana de São Paulo. *Brasil: Nunca Mais*. Tomos I a VI. Petrópolis: Vozes, 1985-1988.

<sup>41</sup> Depoimento de seu irmão, o psicólogo Dalmo Ribeiro Ribas.



algo factível, que existiu, ou que poderia ter existido. Um pai jamais avistado, como o de Ricœur, mas que a qualquer momento pode retornar (ainda que dentro de um caixão) e, contudo, nunca aparece. Ou um irmão há muito desaparecido, um filho que não se sabe estar vivo ou morto, mas que perambula – na lembrança – pelos cômodos da casa da família, como um fantasma entre os vivos.

\* \* \*

O exemplo do pai da guerrilheira Walquíria Afonso Costa é ilustrativo para a compreensão do conceito. Por mais de 20 anos consecutivos, Edwin Costa todos os dias sentava-se na frente da casa olhando para o portão, na esperança de ver a filha reaparecer. Aos netos, contava histórias sobre a filha, como se fossem contos de fadas. Faleceu esperando Walquíria a qualquer momento adentrar aquele portão; “presentificando” a ausência através da lembrança<sup>42</sup>.

Fico cá a imaginar dona Julieta Petit da Silva, que perdeu três filhos no Araguaia, Lúcio (Beto), Jaime (Jaime) e Maria Lúcia (Maria)<sup>43</sup>. Ou de dona Anita Lima Piauhi Dourado, mãe de dois guerrilheiros igualmente desaparecidos, José (Zé Ivo) e Nelson (Nelito). Ou, ainda, de dona Carmen Navarro, escutando os ecos daquela sonata que seu filho Hélio Luiz (Edinho) compôs e tocou ao piano no dia em que partiu. A presença da ausência é a lembrança; logo, é o que restou aos familiares, única forma de obter a companhia do ausente no presente.

Recordo-me de uma companheira de pesquisas de campo no Araguaia, Diva Santana, irmã da guerrilheira Dinaelza Santana Coqueiro, a *Maria Diná*, que desde 1980 tem peregrinado periodicamente à região atrás de informações sobre os restos mortais dos desaparecidos.<sup>44</sup> Ou ainda de Mercedes Castro, que passou quatro décadas com a *eikôn* (imagem-recordação) do irmão Antônio Theodoro a seu lado, enquanto procurava, ela mesma, o que restou de matas no Araguaia<sup>45</sup>.

---

<sup>42</sup> Depoimento de Arilson Afonso Costa, sobrinho de Walquiria, em 12 de maio de 2013.

<sup>43</sup> Julieta Petit da Silva faleceu em 16 de abril de 2007.

<sup>44</sup> Diva Santana esteve na 1ª Expedição das Famílias, em 1980, patrocinada pelo PC do B. Desde então, se fez presente em quase todas as expedições ao Araguaia que teve por objetivo procurar os restos mortais dos guerrilheiros. Militante do PC do B, Diva é a representante oficial dos familiares tanto na Comissão de Mortos de Desaparecidos do Ministério da Justiça, quanto nos grupos de Trabalho Tocantins e Araguaia, GTT e GTA, criados pela Presidência, como já dito, para cumprir sentença judicial de buscar informações sobre os guerrilheiros. Esclareço ainda que, em inúmeros momentos, Diva Santana e eu unimos nossos esforços de pesquisa.

<sup>45</sup> Mercedes esteve pela primeira vez na região em 1979, quando tinha 18 anos. Fazia estágio probatório no Ministério da Fazenda e foi removida para Marabá. Aproveitou para buscar informações sobre o irmão Theodoro. Em 1980, ficou um mês morando numa barca, singrando as currutelas à beira do rio Araguaia. A partir de 1993, quando seu marido Jadiel Camelo foi transferido para Imperatriz, MA, Mercedes passa mais dois anos buscando informações sobre o irmão. Deslocavam-se quase todos os finais de semana de Imperatriz até a região onde Theodoro atuou, em especial Brejo Grande, Santa Cruz e Palestina. A partir de 2008, Mercedes e seu marido Jadiel começaram a se dedicar em tempo quase integral à procura dos restos mortais de Antônio Theodoro. Aproveitam para



Liniane Haag Brum, por sua vez, relata que a ausência de Cilon sempre foi a maior presença em sua vida. Ela cresceu com a história de que o tio apareceu pela última vez em seu batizado. Desde então, quando em família, evitava-se pronunciar o nome do ausente, como se evitasse invocar um *phantasma*. A ordem era a de buscar o esquecimento, exorcizar as lembranças, evitar a dor de rememorar o ausente. Até que certo dia o velho Brum puxou o filho Lino pelo braço. Há muitos anos que não mencionavam o nome do caçula. Estavam em São Sepé, no meio da plantação:

“Alguma notícia dele?”

“Não, nada”, respondeu de cabeça baixa, esquivando-se de fitar os olhos do pai, evitando decepcionar por não poder dar as tão esperadas notícias.

“Você não está mentindo?”

“Não, não estou mentindo”, ele disse, com os olhos fixos no pai.

O velho Brum nunca mais voltou ao assunto. Jamais mencionou o nome “Cilon” enquanto esteve vivo. Levou para o túmulo seu silêncio. E um segredo: o conteúdo da carta que lhe foi enviada pelo filho às vésperas de partir rumo ao Araguaia. Brum sucumbiu à necessidade pessoal do esquecimento. Para os demais membros da família, contudo, as lembranças sobre aquela ausência permaneceriam presentes.

## REFERÊNCIAS

### Bibliográficas

ARENDDT, Hannah. **A condição humana**. Trad.: Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 10ª ed., 2007, págs 326 a 333.

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas Vol. I - Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7ª ed., São Paulo: Brasiliense, 1994.

BRUM, Liniane Haag. **Antes do Passado**. Rio de Janeiro: Arquipélago Editorial, 2012.

CAMPOS FILHO, Romualdo Pessoa. **Guerrilha do Araguaia – Esquerda em Armas**. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 1997.

DÓRIA, Palmério. **A Guerrilha do Araguaia**. São Paulo: Alfa-Ômega, 1981.

---

procurar por informações sobre quaisquer dos demais desaparecidos. Em geral viajam com recursos próprios. Outras vezes, como convidados dos grupos de trabalho GTT e GTA. Mercedes e Jadiel foram grandes parceiros de pesquisa.



FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Org: Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 5ª Ed., 1985, pág. 180.

GASPARI, Elio. **A Ditadura Escancarada – As Ilusões Armadas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

MEDEIROS, Lucília Atas. **No Averso do Paraíso – vida clandestina nos tempos dos generais**. Rio de Janeiro: LF Editorial, 2010, pág. 70.

MORAIS, Tais e SILVA, Eumano. **Operação Araguaia – Arquivos Secretos da Guerrilha**. São Paulo: Geração Editorial, 2005;

MOURA, Clóvis. **Diário da Guerrilha do Araguaia**. São Paulo: Alfa-Ômega, 1985.

POMAR, Wladimir. **Araguaia: O Partido e a Guerrilha – Documentos Inéditos**. São Paulo: Ed. Brasil Debates, Col. Brasil Estudos, nº 2, 1980.

PORTELA, Fernando. **Guerra de Guerrilhas no Brasil**. 2ª ed., São Paulo: Global, 1987.

STUDART, Hugo. **A Lei da Selva: Estratégias, Imaginário e Discurso dos Militares sobre a Guerrilha do Araguaia**. São Paulo: Geração, 2006.

TOLENTINO, Bruno. **A Balada do Cárcere**. Rio de Janeiro, TopBooks, 2006, pág. 17.

### **Jornais e Revistas**

TEICH, Daniel Hessel. “**Irmão de morto pede que o PC do B abra seus arquivos – Segundo ele, é hora de virem à tona os bastidores da história, revelando detalhes dos dois lados**”. Rio de Janeiro: Jornal *O Globo*, 4 de maio de 1996.

### **Fontes Orais**

Arilson Afonso Costa, 12 mai. 2013.

Liniane Haag Brum, 26 jan. 2013.

Maria Eliana Castro, 5 set. 2013.

Zeção, fev. 2011.